

Nós vivemos, sim, em bolhas ideológicas: uma crítica às análises recentes sobre polarização política.¹

Emerson R.C Palmieri²
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

Ao contrário do que se acreditava, quando as pessoas usam redes sociais, elas não ficam isoladas. Pelo contrário, muitas vezes estão conectadas a visões de mundo com as quais não concordam. Por essa razão, alguns autores, particularmente Axel Bruns, sugeriram abandonar a noção de “bolha” (“câmara de eco” ou “bolhas de filtro”) como fator explicativo da polarização política. No entanto, neste artigo, argumento que não devemos abandoná-la, mas sim redefini-la, pois o termo carrega um potencial explicativo inexplorado. Proponho uma nova definição de “bolha” e argumento como ela pode explicar a polarização política que observamos hoje. As pessoas vivem em bolhas, não porque não se conectem com visões divergentes, mas porque esse contato é superficial, não resultando em um diálogo produtivo no qual uma troca significativa de ideias possa ser observada.

PALAVRAS-CHAVE

Polarização; Câmaras de eco; Redes sociais; Bolhas digitais

CORPO DO TEXTO

Introdução

A polarização política e ideológica na internet é um tema que tem atraído a atenção de diversos pesquisadores nos últimos anos. Uma das facetas desse tema, que vem ganhando bastante notoriedade, diz respeito à questão das chamadas bolhas digitais, às vezes chamadas de “câmaras de eco” ou “bolhas de filtro”. O que são elas? Colocando de modo breve: alguns pesquisadores argumentaram que as pessoas estariam se polarizando mais intensamente na internet e nas redes sociais porque essas ferramentas oferecem maior liberdade para escolher o conteúdo que será consumido e reforçam as preferências dos usuários com algoritmos de busca. Essas características dos meios digitais teriam dado vida a ambientes comunicativos fechados, nos quais as pessoas se isolam em suas visões de mundo e não mantêm contato com perspectivas externas.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em sociologia. Pesquisador de pós-doutorado no departamento de sociologia da USP.

Pesquisas empíricas, no entanto, têm minado essa hipótese da bolha: a mais forte dessas críticas mostrou que, em muitos casos, as pessoas estão em contato frequente com outras visões de mundo, distintas de suas crenças pessoais (Guess et al., 2018; Eady et al., 2019). Por essas razões, alguns pesquisadores criticaram o termo "bolha", alegando que ele não aponta para uma realidade social existente ou que existe apenas em grupos hiperpolarizados (Dahlgren, 2021; Flaxman et al., 2016). No entanto, acreditamos que abandonar o termo seria um grande erro sociológico, pois ele possui um grande potencial explicativo que não foi adequadamente explorado. As pessoas vivem em bolhas, embora o significado teórico do termo precise ser redefinido.

Objetivos

O objetivo deste artigo é propor um novo conceito de “bolha”, que leve em conta as principais críticas a ele dirigidas por estudos empíricos, ou seja, que reconheça o fato de que as pessoas estão em contato frequente com visões de mundo divergentes. Nosso argumento é que a afirmação de que as pessoas mantêm contato com perspectivas de mundo divergentes é insuficiente para descartar a tese de que as pessoas se isolam em bolhas políticas ou ideológicas. Na verdade, argumentamos o oposto: o contato com conteúdo divergente, como o vivenciamos hoje, é um fator que explica a formação de bolhas e, como resultado, aumenta a polarização política e ideológica. Isso não quer dizer, evidentemente, que todo contato com o divergente seja um produtor bolhas. Estamos nos referindo a um tipo específico de contato, que corre na direção oposta a uma prática de deliberação coletiva sobre um determinado tema. A maioria dos contatos não se propõe ao diálogo. Eles são aleatórios, acidentais, fugazes, acelerados e hostis, o que aumenta o mal-entendido entre as pessoas e as desvia cada vez mais de uma prática orientada por um debate racional de ideias.

Argumento principal

Corrigindo as definições anteriormente formuladas sobre o que seria uma “bolha”, não a entendemos como uma “falta de contato com visões de mundo”. Colocamos uma nova definição conceitual: Uma bolha é definida como um padrão comunicativo de um indivíduo ou coletividade (grupos, redes, associações, etc.) no qual o contato com opiniões, posições ou perspectivas de mundo diferentes daquelas adotadas por esses agentes sociais é deliberadamente usado para reforçar as visões de mundo defendidas por

eles. Em nossa nova definição, portanto, o contato com o divergente atua como fator condicionante da formação de bolhas, e não como o seu negativo, como evidência de sua não-existência.

Conclusões

Bolhas não são características diretamente associadas a grupos ou pessoas específicas, mas sim a padrões de comunicação adotados por elas. Dessa forma, é perfeitamente possível que duas comunidades de interesse diferentes que defendem a mesma agenda (por exemplo, a posse de armas) adotem padrões de comunicação diferentes: se um desses grupos se envolve com críticas de forma racional para defender seus argumentos, não adota um padrão de bolha. Se o outro grupo, por outro lado, se envolve com elas apenas para provocar, adota um padrão de bolha.

REFERÊNCIAS

DAHLGREN, Peter. A critical review of filter bubbles and a comparison with selective exposure. *Nordicom Review*, v. 42, n.1, pp. 15-33, 2021.

EADY, Gregory et al. “How many people live in political bubbles on social media? Evidence from linked survey and Twitter data”. *Sage Open*, v. 9, n. 1, p. 2158244019832705, 2019.

FLAXMAN, Seth; GOEL, Sharad; RAO, Justin M. “Filter bubbles, echo chambers, and online news consumption”. *Public opinion quarterly*, v. 80, n. S1, p. 298-320, 2016.

GUESS, Andrew et al. “Avoiding the echo chamber about echo chambers”. *Knight Foundation*, v. 2, n.1, pp.1-25, 2018.